A TRIBUNA

Rio Branco, sábado, 12 de março de 2005

ALMANAQUE CULTURAL

Pescaria

FRANCISCO GREGÓRIO FILHO *

Em um encontro sobre leitura com professores em que participei recentemente, soube de cinco professoras divorciadas pelo mesmo motivo: a pescaria. De um grupo de 32 mulheres, todas odiavam peixes. Uma delas argumentou os motivos pelos quais proibira o marido de ir pescar.

Há dez anos que o marido não pesca. A posição foi radical: ou eu, ou a pescaria, dissera ela. O marido trabalhava de oito a dez horas por dia, de segunda a sexta-feira, e aos sábados, gostava de reunir os amigos para as pescarias. Dormia as noites de sábado nos barrancos e nos barcos às margens dos rios e dos igarapés. Voltava ao domingos, feliz, contando as façanhas dos amigos pescadores e dos peixes, dos anzóis e das tarrafas e trazia aqueles montes de peixes ainda por tratar. O cheiro de peixe tomava conta da casa. O alvoroço na cozinha era grande: peixes fritos, peixes guisados, peixes assados, peixes salgados para secar, peixes frescos para congelar. Um banquete de escamas, de cabeças de peixes, de rabos de peixes e aquele sangue misturado com os intestinos dos peixes, uma bagunça e muito trabalho.



ILUSTRAÇÃO: DANILO DE S'ACRE

"- Ele ali, feliz, cortando os peixes, salgando os peixes, e eu de cara amarrada, de tromba, tendo que participar daquela lambança; que inferno! Que vida infeliz! Até que resolvi dar um basta em tudo aquilo. Ou os peixes, ou eu. Felizmente, depois de muita discussão, a paz voltou a reinar lá em casa. Percebo que, às vezes, nos finais de semana, ele encosta a cabeça na janela, e os olhos se perdem no horizonte. O semblante melancólico revela a saudade das pescarias, dos amigos, dos peixes.Permaneço irredutível na minha decisão:pescaria não; tem que ficar em casa, vendo televisão.É bem melhor, a casa fica limpa e sem aquele cheiro me perseguindo as narinas. É a paz que me faltava, a paz que pedi a Deus. É certo que meu marido perdeu aquela alegria, festeiro que ele só; agora se mantém por longo tempo em silêncio completo. Fala pouco e ouve muito rádio. Eu entendo o jeito dele, respeito e até me afasto para não atrapalhar os seus silêncios. Mas pescar, ele não vai mais" – concluiu a professora.

Outra professora relatou sua intriga com a família do marido. A culpa era do sogro, que gostava de pescar.

"Reunia os filhos nos finais de semana para as aventuras pelos rios, açudes, lagos e igarapés. Não suportava mais ver o marido atendendo ao convite do pai, saindo aos sábados de casa e só voltando no dia seguinte. Logo no domingo, quando queria ir à missa, visitar famílias amigas, o marido cansado, envolvido com os peixes."
Felizmente brigara com o sogro e toda a família do marido.

"Agora ele não é mais convidado; aos domingos, toma umas cervejas no boteco perto de casa e dorme muito. Bem melhor assim. Começa o trabalho, na segunda, mais descansado, sempre me acompanha à igreja para as missas e reza em silêncio."

Fato é que ouvi 32 mulheres professoras que odiavam pescari Cada uma narrava um aspecto da lação que considerava desagradá quando o marido gostava de pesc Achei curiosa aquela experiência p que passara, tratando com um g po de 32 professoras; os coment os sobre as dificuldades com os n ridos motivados pelo hábito, o pr zer e a alegria de participar de p carias. Homens que trabalham d durante a semana e, nos finais de mana, buscavam o lazer, a desc tração, o relaxamento, pescand contando histórias de pescado com os amigos.

As mulheres, porém, se sen am abandonadas, solitárias e esq cidas. Como mediar um debate s bre essas questões que não esta previstas, mas que surgiram por n cessidade das mulheres falare Quais seriam os pontos de vista d ses homens pescadores? Confes vocês que me deu um acesso de r gargalhava com as discussões. O reu-me ler um poema de uma professora mineira, de nópolis, mulher de pescador, conhecedora do assunto poema Casamento, de Adélia Prado, publicado no Poesias Reunidas

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

A leitura do poema enriqueceu o debate; perceb algumas professoras uma mudança de postura, abr ram mais seus discursos; e, em outras, a radicali reafirmada, cortante. Foi uma discussão boa, em c mais relaxado e tranqüilo. Fraterno.

* CONTADOR DE HISTÓRIAS